

DISCURSOS SOBRE A ANSIEDADE NA IRRUPÇÃO DA PANDEMIA DE COVID-19 SPEECHES ON ANXIETY IN THE OUTBREAK OF THE COVID-19 PANDEMIC

Thâmara Soares de Moura¹
Francisco Vieira da Silva²

RESUMO: O estudo analisa discursos sobre a ansiedade no primeiro ano da pandemia de covid-19, em 2020. Toma como objeto de análise três materialidades recolhidas na *internet*, especificamente no *Instagram*, no *blog* Viva bem e no portal de notícias G1. Para subsidiar as análises, busca-se apoio em noções desenvolvidas por Michel Foucault, como discurso, saber e formação discursiva, dentre outras. As análises possibilitam entrever que os discursos sobre a ansiedade na pandemia de covid-19 estão relacionados, de modo estreito, com a produção de saberes médico-científicos manifestados em diferentes posicionamentos enunciativos.

Palavras-chave: Discurso. Ansiedade. Pandemia.

ABSTRACT: The study analyzes discourses about anxiety in the first year of the COVID-19 pandemic, in 2020. It takes as its object of analysis three pieces of material collected on the internet, specifically on Instagram, the Viva Bem blog, and the G1 news portal. To subsidize the analysis, support is sought from notions developed by Michel Foucault, such as discourse, knowledge, and discursive formation, among others. The analysis shows that the discourses about anxiety during the COVID-19 pandemic are closely related to producing medical-scientific knowledge manifested in different enunciative positions.

Keywords: Discourse. Anxiety. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

A crise global instaurada pela pandemia de covid-19 afetou muito mais do que as instâncias imunológicas e sanitárias. No Brasil, problemáticas em torno da economia, saúde, educação, política e ciência, dentre outros, foram pontos que, unidos ao isolamento social e aos perigos e inseguranças evocados pelo Sars-CoV-2, provocaram um quadro constante de medo e

¹ Mestra em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente, é doutoranda em Letras pela mesma instituição. E-mail: thamara.soares068@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

ansiedade. Consequentemente, os números de transtornos mentais, a exemplo da ansiedade patológica, quase que duplicaram nos primeiros meses da pandemia (MAIA; DIAS, 2020), fato que reclamou estratégias de intervenção específicas por parte das autoridades da saúde, tendo os meios virtuais como principal veículo de articulação terapêutica.

Como objeto da linguagem, o discurso da ansiedade é produto dos acontecimentos sócio-históricos que reclamam tensões e medos, fazendo com que toda uma coletividade não só sinta psicofisiologicamente os efeitos angustiantes das crises, mas, também, inscreva nos enunciados, conforme Courtine (2016), células discursivas da ansiedade, acionadas sempre que a atmosfera de medo e inquietação se faz presente. A pandemia da covid-19 marca um desses momentos discursivos em que a ansiedade vem à tona.

O cenário pandêmico constitui-se como um fator de singularização do que pode (ou não) ser enunciado no que concerne à ansiedade nessa temporalidade específica. Desse modo, a pandemia marca uma ruptura, isto é, uma (des)continuidade histórica (ou um acontecimento discursivo) da ansiedade em 2020. O que nos leva a entender que, para forjar os dizeres atuais, discursos da ansiedade foram atualizados a partir da retomada ou da exclusão de discursos anteriores à pandemia.

Assim, compreendendo que esta pesquisa parte do lugar teórico que tem como objeto de estudo os discursos, parte-se do seguinte questionamento: quais discursos foram acionados na produção dos dizeres sobre a ansiedade nos primeiros momentos da pandemia da covid-19, no ano de 2020? Para tanto, problematizam-se as condições de possibilidade dos discursos acerca da articulação entre o transtorno de ansiedade e a pandemia que emergiram no recorte temporal do acontecimento sociodiscursivo supracitado.

Metodologicamente, adota-se o método arqueogenalógico foucaultiano para a análise de um *corpus* composto por três materialidades verbo-visuais extraídas das seguintes mídias digitais: *Instagram* (@_memesobscuros), *blogs* (VivaBem) e *noticiários* (G1), as quais se apresentam como ditos e escritos que compõem o arquivo que discursiviza a ansiedade patológica decorrente da pandemia da covid-19. A seguir, explanamos alguns conceitos que serão demandados na análise do *corpus*.

2 SOBRE AS NOÇÕES DE DISCURSO, ENUNCIADO E FORMAÇÃO DISCURSIVA

Na abordagem foucaultiana, a questão do discurso e dos mecanismos que o constitui foi abordada, sob o viés arqueológico, na obra *Arqueologia do Saber*. Nesta, o filósofo trouxe à baila alguns encaminhamentos conceituais e metodológicos acerca do discurso e dos demais conceitos que se desmembram a partir deste, como a formação discursiva e o enunciado.

Nas palavras de Foucault (2017), o discurso é:

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, [é um] fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplidades do tempo. (FOUCAULT, 2017, p. 143).

Em outros termos, podemos compreender o discurso como um conjunto de enunciados que encontram aporte numa mesma formação discursiva. Partindo dessa perspectiva, Foucault (2017) enfatiza que o discurso não pode ser entendido como uma unidade fixa e material como a língua nem equiparado a atos de fala, mas, sim, caracteriza-se por um sistema de enunciados dispersos que obedecem a regras específicas.

Os discursos que margeiam a ansiedade, por exemplo, são marcados pela enunciação coletiva desta emoção – cada vez mais crescente em tempos de pandemia – que tem o medo como impulsionador da atmosfera de tensão, inclusive no plano linguístico. Assim, mediados pela linguagem, é possível identificar a circulação de discursos que circunscrevem a ansiedade patológica para além do viés estritamente psicológico, isto é, uma ansiedade calcada também no campo discursivo. Por esse motivo, Courtine (2016) compreende o discurso da ansiedade como uma célula discursiva latente do medo, já que emerge quando os perigos são incertos, difusos e amorfos.

Buscando, então, identificar características que pudessem agrupar e justificar as regularidades e as possíveis regras de formação que, de certo modo, “unificam” determinados discursos, Foucault (2017, p. 39) tece algumas considerações a partir do seguinte questionamento: “[...] que espécie de laços reconhecer validamente entre todos esses enunciados que formam, de um modo ao mesmo tempo familiar e insistente, uma massa enigmática?”. Para tanto, o filósofo elencou quatro hipóteses, que levam em consideração a emergência e a discursivização dos objetos, os tipos de enunciação, que consideram a forma e o encadeamento de um estilo enunciativo, o estabelecimento e a utilização de conceitos, e, por fim, a possibilidade de agrupar os discursos e os enunciados a partir de determinadas regularidades no tocante às escolhas temáticas.

Ao final das considerações, o filósofo conclui que, de certa forma, as quatro hipóteses entrelaçam-se e complementam, de modo que tanto os objetos, como os tipos de enunciação, os conceitos e as escolhas temáticas contribuem para a composição de um sistema de dispersão que justifica a formação e o agrupamento de determinadas regularidades discursivas.

De modo geral, o sistema de dispersão que permite o agrupamento de um determinado número de discursos foi denominado de formação discursiva. Assim, segundo Foucault (2017), o

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

discurso estaria para a formação discursiva – em termos de regras de formação e pertencimento –, o que a palavra é para o texto: interdependentes, mesmo que num relacionamento de coexistência. Isso posto, as formações discursivas são compostas por regras de formação específicas, entendidas como “[...] condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva” (FOUCAULT, 2017, p. 47). Por esse motivo, as formações discursivas são dependentes da formação dos objetos, da formação das modalidades enunciativas, da formação dos conceitos e da formação das estratégias, discutidas adiante.

Sendo assim, a formação dos objetos delinea os regimes de existência dos objetos discursivos, isto é, objetivam os elementos no campo discursivo, de maneira que estes podem ser nomeados, definidos, contestados, circunscritos. Para compreender, portanto, os processos de formação dos objetos, conforme o autor, faz-se necessário demarcar as superfícies de emergência primárias, isto é, analisar onde e como se permitiu que determinado objeto surgisse, para proceder a designação e a análise da individualização segundo certas regras.

Para melhor clarificar o conceito, Foucault (2017, p. 50) utiliza o exemplo das práticas médicas em torno da loucura, no século XIX, em que “[...] os graus de racionalização, os códigos conceituais e os tipos de teoria” da medicina se constituíam como superfície primária de emergência e de qualificação (ou objetivação) dos quadros de doença e loucura: a neurose, a psicose, a demência, entre outros. O transtorno de ansiedade, nesse sentido, enquadra-se no objeto da neurose, conforme os órgãos da saúde, tais como a 5ª edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V* (2014) e a Organização Mundial da Saúde – OMS (2002).

Além do mais, é na formação dos objetos que se pode descrever as instâncias de delimitação e de legitimação dos objetos institucionalizadas pelos os saberes, os poderes e as práticas em torno deste. O autor estabelece, ainda, que as grades de especificação singularizam o objeto a partir das especificações sistemáticas, “[...] os quais separamos, opomos, associamos, reagrupamos, classificamos, derivamos, umas das outras”, a exemplo da classificação e da especificação dos diferentes transtornos mentais (FOUCAULT, 2017, p. 51).

Nesse sentido, o DSM-V define o objeto discursivo dos Transtornos Mentais como:

[...] uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes. (DSM-V, 2014, p. 20).

Assim, os transtornos concernem a modificações no comportamento do sujeito, que

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

atingem, direta e negativamente, o rendimento no cotidiano, seja no ambiente de trabalho, nos relacionamentos e/ou nas demais atividades sociais, de modo a causar sofrimento e incapacidade significativas. Da mesma maneira, estrutura-se a dinâmica e a conceituação dos transtornos de ansiedade, visto que são compreendidos como:

[...] transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. [...] Obviamente, esses dois estados se sobrepõem, mas também se diferenciam, com o medo sendo com mais frequência associado a períodos de excitabilidade autonômica aumentada, necessária para luta ou fuga, pensamentos de perigo imediato e comportamentos de fuga, e a ansiedade sendo mais frequentemente associada a tensão muscular e vigilância em preparação para perigo futuro e comportamentos de cautela ou esquiva. Às vezes, o nível de medo ou ansiedade é reduzido por comportamentos constantes de esquiva. (DSM-V, 2014, p. 188).

O objeto discursivo transtorno de ansiedade, portanto, é caracterizado pela medicina como uma psicopatologia que causa sofrimento exacerbado em virtude da antecipação de eventos traumáticos e/ou que representam perigos iminentes. Por este motivo, ainda conforme o DSM-V (2014), os principais comportamentos apresentados pelos sujeitos que sofrem com o transtorno são vigília, tensão, cautela, esquiva, fuga e/ou luta.

Já a formação das modalidades enunciativas abarca tanto as leis de enunciação (o que se pode enunciar), como também os locais de enunciação (quem pode enunciar; onde pode enunciar). Assim, define-se uma espécie de *status* enunciativo elaborado a partir da autorização de sujeitos específicos a enunciarem determinados discursos e, por sua vez, desempenharem funções também pré-determinados na sociedade. Deste modo, para angariarem esse direito, os sujeitos devem estar calcados em “[...] critérios de competência e de saber [...]”, validados por lugares institucionais, como “[...] instituições, sistemas, normas pedagógicas; condições legais que dão direito – não sem antes lhe fixar limites – à prática e à experimentação do saber” (FOUCAULT, 2017, p. 61).

Quanto à formação dos conceitos, o filósofo não se preocupa em delimitá-los aos significados no campo empírico das ideias, nem muito menos identificar os processos de formação e circulação de conceitos específicos que podem emergir em determinadas formações discursivas. Mais que isso, Foucault (2017) propõe que se deve identificar as regras gerais de formação e coexistência entre os conceitos em sua dispersão a partir da investigação do campo pré-conceitual, isto é, um campo mais amplo, que precede o conceito.

Para compreender a formação dos conceitos, o autor francês discute a necessidade de conhecer a organização do campo enunciativo, pois esta engloba as diferentes formas de sucessão e disposição das séries enunciativas, bem como os tipos de correlação (a exemplo da hipótese-verificação; asserção-crítica; lei geral-aplicação particular) e os esquemas retóricos que se estabelecem entre os enunciados.

Além disso, Foucault (2017) cita que os campos enunciativos coexistem entre si por meio

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

dos campos de presença (discursos que são retomados em diferentes enunciados e “atuam” como fonte de validação de uma verdade), campo de concomitância (formados por discursos e enunciados distintos no que se refere aos domínios de objeto, mas que se inter cruzam e complementam entre si) e, por fim, discute sobre a ligação do enunciado com o campo de memória (ocorre quando os enunciados não são mais retomados ou discutidos, nem são validados como domínio de verdade, mas estabelecem ligações de (des)continuidade histórica).

Dito isso, Foucault (2017) acrescenta que os modos de intervenção das formações discursivas no campo enunciativo ocorrem por meio das técnicas de reescrita, transcrição e tradução do enunciado, bem como a partir da aproximação, delimitação e/ou transferência de enunciados de um campo a outro. Por fim, é oportuno assinalar que, numa determinada área (economia, política e medicina, por exemplo), a formação de temas e/ou teorias são conseqüentes à própria articulação de certos tipos de objetos, de conceitos e de modalidades de enunciação. Ademais, deve-se destacar que as formações ocorrem aliadas, também, ao “[...] grau de coerência, de rigor e de estabilidade [...]” de tais disciplinas (FOUCAULT, 2017, p. 76). De toda forma, são essas formações de temas e teorias que Foucault (2017) denominou de formação das estratégias.

Além de serem agrupados num sistema de regularidades discursivas (formações discursivas), Foucault (2017) afirma, ainda, que os discursos se materializam no que ele denominou de enunciado. Este, por sua vez, pode ser compreendido como a instância em que o sentido se estabelece, estando, portanto, entre o nível do discurso e do material. Deste modo, é a unidade elementar do discurso, mas que necessita dos signos para que a se materialize.

Nesse sentido, o autor elenca quatro características por meio das quais a função enunciativa pode ser definida, a saber: referencial, posição-sujeito, campo associado e existência material.

Primeiramente, a característica do referencial diz respeito às condições de possibilidade de existência do enunciado mediante o espaço de correlações. Assim, deve se ligar a um domínio correlato que valide a possibilidade de existência do sentido por meio de regras e leis preestabelecidas. Para melhor compreensão, Foucault (2017) analisa a proposição “A montanha de ouro está na Califórnia”. Em termos geográficos e/ou geológicos, o enunciado não pode ser validado. No entanto, se tal enunciado for associado a um referencial correlato que garanta a possibilidade de existência, como um universo da ficção e/ou da literatura, por exemplo, o sentido poderá ser aceito.

No tocante à posição-sujeito, importa frisar que a noção de sujeito não está ligada ao elemento gramatical nem muito menos ao autor de determinada frase ou proposição. É, nas palavras do de Foucault (2017, p. 113), “[...] uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado. Assim, o sujeito tanto pode desempenhar diferentes papéis, como, também, pode enunciar inúmeras outras séries

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

de enunciados, de modo a adquirir uma posição singular de enunciação.

O campo associado compreende a inter-relação dos enunciados, de maneira que estes podem ser atualizados a partir da associação com enunciados correspondentes e anteriores, dispostos em um domínio de memória, ao passo que permite, também, combinações futuras com outros enunciados.

Já na existência material, os enunciados, apesar de não se confundirem com as proposições, os atos de fala ou as figuras linguísticas, também reclamam uma existência material. Contudo, vale ressaltar que uma mesma materialidade pode comportar diferentes enunciados, que, conseqüentemente, fará emergir distintos efeitos de sentido. Essa distinção se dará, portanto, por meio da enunciação.

De acordo com Foucault (2017), é a partir das análises dos enunciados que se pode chegar a uma unidade discursiva dispersa perpetuada ao longo do tempo e da história: a positividade. Assim, achando essa unidade peculiar, é possível identificar as singularidades do discurso. São exemplos de positividade a história natural, a medicina clínica, e, nesta investigação específica, a medicina psiquiátrica, pois guardam consigo as unidades dos campos discursivos que permeiam as respectivas instâncias temporais.

Assim, a positividade desempenha a função de *a priori* histórico, pois a partir dele é possível:

[...] isolar as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem. [...] Esse *a priori* deve dar conta dos enunciados em sua dispersão. [...] Tem de dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho. (FOUCAULT, 2017, p. 155).

Em outras palavras, o *a priori* é uma “[...] condição de realidade [...]” para enunciados que mantém relações com a história e o tempo, de modo que permite compreender, a partir da realidade dos ditos, as condições de emergência de determinados discursos/acontecimentos e não outros em seu lugar (FOUCAULT, 2017, p. 155). Em conseqüência, o *a priori* faz entrever, também, múltiplos efeitos de sentido e de verdades sócio-historicamente marcados, além de permitir a emergência de arquivos discursivos, que compreendem, *grosso modo*, a determinadas temáticas.

Desta feita, os arquivos não são textos nem documentos. Antes disso, o arquivo encontra-se no campo das práticas discursivas, de modo que são entendidos como “[...] sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização)” (FOUCAULT, 2017, p. 157). Em outras palavras, são agrupamentos de regularidades discursivas

que emergem a partir de acontecimentos, jogos e leis específicas, e, assim, dimensionam-se em materialidades diversas, de forma a regular a formação e a transformação dos discursos e enunciados, bem como a reger o que pode ser dito ou não.

Logo, o autor acrescenta que é partindo da análise do arquivo que o analista do discurso consegue compreender a constituição das formações discursivas e, conseqüentemente, a formação de determinados saberes, sócio-historicamente marcados. Os saberes, por sua vez, podem ser compreendidos como um:

[...] conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar *saber*. Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada. Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma. (FOUCAULT, 2017, p. 219-220).

Dessa forma, o saber não pode ser confundido com o conhecimento. Quando Foucault desenvolve o estudo do saber, o autor não se preocupa em compreender, nas palavras de Revel (2005), como se dá a construção de saberes enquanto um conjunto de processos de racionalização, identificação e classificação dos objetos, dos fenômenos e das experiências de mundo, que podem, eventualmente, ser aprendidos pelos sujeitos ou não. A seguir, dispomos a análise do *corpus* do estudo.

3 A ANSIEDADE EM DISCURSO NA PANDEMIA

Como visto anteriormente, todas as instâncias delineadas como problemáticas, a exemplo dos medos e angústias evocados pela covid-19, o isolamento e as demais questões sociais, não só corroboram a emergência de psicopatologias, mas, também, intensificam a atmosfera de ansiedade que já permeava a sociedade antes dessa crise sanitária (BAUMAN, 2008; COURTINE, 2016).

Esses apontamentos podem ser observados na materialidade discursiva da Figura 1, extraída de uma entrevista do portal *GI*, realizada com um dos primeiros casos positivos de covid-19 no Brasil, o cantor e compositor Di Ferrero (ex- vocalista da banca NX Zero), que chegou a desenvolver sintomas ansiosos devido ao período de isolamento e aos medos provocados pelas incertezas da doença.

Figura 11 – Entrevista com Di Ferrero para o G1



The image shows a screenshot of a G1 article. The header includes the G1 logo, 'POP & ARTE', and 'MÚSICA'. The main title is 'Di Ferrero fala ao G1 sobre ansiedade na quarentena com coronavírus; ouça relato do cantor'. Below the title is a sub-headline: 'Um dos primeiros brasileiros diagnosticados com o Covid-19, ele diz que fez 'linha do tempo' para lembrar com quem havia falado e se sentiu culpado por poder ter transmitido doença.' The main text is enclosed in a box and contains several paragraphs of text, each starting with an ellipsis [...].

Di Ferrero, ex-vocalista do NX Zero e hoje com carreira solo mais voltada para a música pop, foi um dos primeiros brasileiros diagnosticados com o novo coronavírus. [...]

[...] "Como eu fui um dos primeiros a pegar o coronavírus por aqui, eu fiquei sem saber o que fazer no começo. Quando eu comecei a sentir os sintomas, eu estava em Floripa. Depois que eu saí do hospital, antes de sair o exame, eu já fiquei em casa e tal", disse o cantor ao G1.

[...] "Então, foi uma ansiedade pra saber o que estava acontecendo. Aí, me deu um pouco de febre, eu falei: 'Caramba velho, o que que tá acontecendo, será que eu tô com isso?' Quando saiu [o resultado positivo], tinha alguns shows pra rolar. Ninguém tinha cancelado nada ainda. Mas eu já tinha falado com a minha galera, que eu não tava bem, que eu achava que ia ter que cancelar um show que eu tinha no sábado, as [idas às] rádios que eu tinha na sexta-feira, com todos os fãs e tal." [...]

[...] Ao ser perguntando sobre o medo de ter transmitido para alguém conhecido ou para algum fã, Di Ferrero contou que se sentiu culpado ao pensar nessa possibilidade: "Eu fiquei pensando, eu fiz uma linha do tempo, falei: 'Cara quem é que eu posso [ter contaminado], antes de saber que eu estava e de ir ao hospital e passar mal. Quem eu posso ter tido contato, meu Deus, sabe? Putz! Eu fiquei ansioso pra caramba tentando lembrar com quem eu falei e as pessoas... 'Olha, saiu positivo'." [...]

[...] O cantor também disse que todos esses pensamentos fizeram com que ele ficasse ansioso. E essa ansiedade foi fazendo com que ele piorasse de saúde. "Então, eu voltei pro meu mundo, tocar música, fazer som", explicou, ao se referir às *lives* no *Instagram* que vem fazendo desde então. [...] Eu quero acalmar pra esse cortisol não ficar alto, e aí eu ficar mais ansioso e baixar a minha imunidade de novo. Isso vale pra todo mundo." [...]

Fonte: G1 (2020)

Assim sendo, realizada com a posição sujeito do cantor Di Ferrero, em março de 2020 – mês em que os primeiros casos foram identificados e os estados passaram, aos poucos, a adotarem medidas sanitárias (e biopolíticas³, conforme os termos foucaultianos) de isolamento e *lockdown* –, os enunciados que compõem a entrevista materializam os primeiros raios dos discursos de medo, tensão e ansiedade que emergiram assim que a pandemia foi decretada no Brasil e no mundo.

Alguns dos principais fatores que contribuíram para a criação de uma atmosfera de ansiedade difusa neste primeiro momento foram as incertezas quanto à letalidade do vírus, o excesso de notícias alarmantes, a falta de vacina e de tratamentos adequados, a mudança drástica na rotina e nas dinâmicas sociais, seguida principalmente da obrigatoriedade em isolar-se em casa – fator intensificador de ansiedade até nos sujeitos que não possuíam predisposição genética para isso (MAXIMINO, 2020). Acrescente-se ainda a instabilidade nos âmbitos social, econômico e político do país.

³ Conforme os estudos foucaultianos, a biopolítica, ou em outros termos, o poder em torno da vida, do fazer viver, focalizou não somente o homem-máquina, mas, também, centrou-se nas formas de manutenção do corpo-espécie, isto é, o corpo e os seus respectivos processos compreendidos em uma escala biológica, enquanto espécie.

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

Aqueles acometidos pela covid-19, em particular, além de enfrentarem todos os episódios supracitados, ainda tinham que lidar com os desgastes fisiológicos – em virtude do acometimento da doença no organismo –, como, também, as pressões psíquicas – consequentes às incertezas de cura, aos níveis de debilitação do corpo e riscos de entubação e morte, medos de transmissão a outras pessoas, a perda de entes queridos, dentre tantas outras causas.

Essas situações de medos incertos, isto é, desencadeadores de ansiedade, também foram experienciadas pelo sujeito cantor, fato asseverado pela voz do sujeito jornalista já no *lide* (“Um dos primeiros brasileiros diagnosticados com o covid-19, ele diz que fez 'linha do tempo' para lembrar com quem havia falado e se sentiu culpado por poder ter transmitido doença” (G1, 2020, s.p.), bem como no decorrer da entrevista (“[...] o cantor também disse que todos esses pensamentos fizeram com que ele ficasse ansioso.” (G1, 2020, s.p.).

Partindo, então, de uma formação discursiva permeada por discursos que tematizam a covid-19, a ansiedade e as práticas higienistas da área médica (em torno do cuidado com o corpo físico) e psiquiátricas (que envolvem a saúde psicológica) em tempos de pandemia, a materialidade discursiva da Figura 1 faz circular práticas discursivas que têm como objetivo tranquilizar e, ao mesmo tempo, conscientizar a população tanto sobre a doença, como sobre os possíveis efeitos negativos no âmbito psicológico.

Para construir esses efeitos, os enunciados valem-se de algumas estratégias discursivas particulares que partem, principalmente, da articulação de confissões de uma personalidade famosa e influente na mídia do país (representada pela posição sujeito de Di Ferrero). Além disso, o meio digital enquanto suporte do noticiário *G1* possibilita uma larga disseminação das informações.

Dito isso, é possível acrescentar que, por ser veiculado no formato entrevista, a intermediação entre a voz da posição sujeito do jornalista e a do entrevistado conferem tanto uma veracidade maior aos ditos (já que tanto o *G1* como o cantor são nacionalmente conhecidos e credibilizados nos respectivos meios de atuação), como também imprimem uma maior carga subjetiva na materialidade discursiva (elemento que aproxima diretamente o sujeito leitor às experiências do cantor). Essas articulações favorecem que a objetividade da notícia seja garantida, mesmo que imperem fatores subjetivos (confissões), e, assim, não pendam para “achismos”.

De todo modo, vale salientar que ambos os posicionamentos discursivos, ao enunciarem, alicerçam seus dizeres e ações em saberes do dispositivo⁴ médico-psiquiátrico à medida em que promovem a objetivação discursiva do *modus operandi* do transtorno de ansiedade em tempos de pandemia. Esta se encontra materializada no medo do desconhecido, intensificador dos sintomas

⁴ O dispositivo, para os estudos foucaultianos, pode ser compreendido como uma instância intercambiada por leis, saberes, proposições científicas etc., que tem como principal função objetivar, normatizar e, assim, subjetivar os sujeitos.

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

da covid-19, assim como podemos identificar nos enunciados “[...] foi uma ansiedade para saber o que estava acontecendo. [...] Eu fiquei ansioso pra caramba tentando lembrar com quem eu falei e as pessoas... [...]”, e “[...] essa ansiedade fez com que ele piorasse de saúde.” (G1, 2020, s.p.).

Além disso, no campo médico podemos identificar também a objetivação da própria covid-19 e do aparato de saberes médicos a ela concernente: “Quando comecei a sentir os sintomas, [...] antes de sair o exame, eu já fiquei em casa e tal [...]”, “[...] e deu um pouco de febre [...]” (G1, 2020, s.p.). A febre aliada a outros sintomas apresentam-se como um dos principais prognósticos da doença, mesmo que não se tenha resultado de exames. Conforme Foucault (2010; 2018; 2019), esses acontecimentos constituem estratégias biopolíticas, as quais incluem os sujeitos no grupo dos suspeitos e sugerem o isolamento como tática de governo.

Vale destacar que a necessidade de o sujeito cantor falar a verdade de si está ligada às vontades de verdade veiculadas pelas instituições médicas e psiquiátricas, que obedecem, conforme o filósofo, a regras impostas pelo sistema de veridicção dos respectivos campos. Seguindo Caponi (2013), é interessante salientar, também, que são os imperativos da felicidade que permeiam os ideais de normatização do corpo psíquico nos tempos hodiernos, de forma que a tristeza e o adoecimento da *psiquè* são tidos como comportamentos anormais, enquanto que os de felicidade são indicativos de saúde, normalidade.

Ao delinear, portanto, o que pode ou não ser entendido como “verdadeiro” (adoecimento mental), estes sistemas de veridicção também instauram o que deve ser dito, principalmente se o outro viés (vontades de verdade da doença) não for socialmente aceito.

Neste caso, ao entender a ansiedade patológica consequente à covid-19 como uma anomalia do comportamento humano, alvo de intervenções psicoterápicas, principalmente em tempos de pandemia, esse mesmo sistema leva o sujeito (caso aceite as proposições do “verdadeiro”) a examinar em si – seja quanto aos comportamentos ou pensamentos – o que há de errado, confessar suas condições e, assim, aceitar as intervenções médicas e psiquiátricas como um primeiro passo para a purificação, isto é, para a norma(t)lização dos comportamentos.

Ao atuar em si quanto ao diagnóstico psicopatológico, como, também, rememorar os fatos que o acometeram, o sujeito cantor empreende um processo denominado por Foucault (2014) de técnica de exame da consciência, umas das tecnologias de si a qual articula um trabalho de si sobre si dos sujeitos. Esta técnica, por sua vez, pode ser identificada com mais ênfase nos enunciados em primeira pessoa – “[...] eu falei: ‘Caramba, velho. O que tá acontecendo, será que tou com isso?’”, “Eu fiquei pensando [...]”, “Fiz uma linha do tempo [...]”, “Eu não tava bem [...]” (G1, 2020, s.p.) –, de modo que os verbos, ora no pretérito perfeito (“falei”, “fiquei”, “fiz”, “tava”), ora no presente (“tou”), indicam práticas de reflexão do sujeito sobre seus próprios comportamentos.

Esses mesmos enunciados que abarcam as vivências e os pensamentos ansiosos do cantor,

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

aos serem produzidos como confissões ao entrevistador, adquirem teor parresiástico, pois, partindo de Foucault (2019), o sujeito que enuncia se põe num estado de vulnerabilidade e risco de exclusão ao explicar uma verdade de si, ou seja, revelar ao público em geral sobre o acometimento da doença, temática que, logo no início da pandemia quando o objeto da covid-19 ainda permanecia desconhecida, construiu-se inúmeros tabus. Essa ação de refletir e falar sobre si põe em prática outra técnica de si foucaultiana: a confissão.

Guiado pelas ideias supracitadas, Di Ferrero luta constantemente contra os quadros patológicos da ansiedade, pois estes, além de piorarem seu estado de saúde, ainda os fariam adentrar no âmbito da anormalidade, e ser, assim, passível de exclusão caso não optasse por aceitar e confessar as emoções anormais.

Em suma, tornar visível os discursos que envolvem a Covid-19 e a ansiedade nos meios digitais não só possibilitam desconstruir ideias equivocadas sobre as doenças, mas, também, favorecem a conscientização e a condução dos comportamentos dos sujeitos. Logo, partindo do entendimento foucaultiano, é possível dizer que as mídias disciplinam, controlam e encaminham os modos de governamentalidade do público, à medida em que a experiência do Outro (representado pela posição sujeito de Di) diante da enfermidade serve como base para o governo e o cuidado de si.

Essas pontuações podem ser identificadas mais enfaticamente nos seguintes enunciados: “[...] essa ansiedade foi fazendo com que ele piorasse de saúde [...]” (G1, 2020, s.p.), que parte da voz do sujeito jornalista; bem como “[...] *eu* quero acalmar para esse cortisol não ficar alto, e aí eu ficar mais ansioso e baixar minha imunidade de novo. Isso vale pra *todo mundo*” (G1, 2020, s.p., grifo nosso) e “[...] eu fiz uma linha do tempo, falei: 'Cara quem é que eu posso [ter contaminado], antes de saber que eu estava e de ir ao hospital e passar mal. Quem eu posso ter tido contato [...]’” (G1, 2020, s.p.).

Desse modo, a posição sujeito do jornalista, ao enunciar que não controlar os sintomas de ansiedade pioram os quadros de Covid-19 e que deve fazer uma lista de possíveis contaminações no período de incubação ou fase ativa da doença, utiliza a figura do cantor (do Outro) como um molde que tem por objetivo conscientizar os sujeitos leitores e, dessa forma, encaminhar futuros comportamentos, assim como disposto no enunciado acima destacado (“[...] Isso vale pra todo mundo.” (G1, 2020, s.p.).

Podemos identificar o corpo, tanto psíquico como físico, sendo discursivizado na materialidade discursiva da Figura 1, quando observamos, a partir da enunciação pela posição sujeito ocupada por Di Ferrero, as doenças e as experiências dos doentes sendo transformadas em signos linguísticos (febre, sintomas da covid-19, medo, ansiedade). Além disso, visualizamos também este mesmo corpo sendo alvo das tecnologias de poder dos dispositivos médicos e psiquiátricos, de cunho disciplinar e controlador, na proporção em que identificamos o

agenciamento do cuidado de si e do outro.

Essa proteção do corpo a partir do enfoque biológico, seja ele mais individualizante – isto é, centrado no homem-corpo, no indivíduo: “[...] Eu quero acalmar para esse cortisol não ficar alto [...]” (G1, 2020, s.p.); ou mais populacional – proteção à vida refletida nos comportamentos da coletividade, do homem-espécie: “[...] Isso vale pra todo mundo.” (G1, 2020, s.p.) – é, conforme Foucault (2018), o objetivo principal da biopolítica. Logo, o medo de intensificar sintomas ansiosos e quadros de Covid-19 fazem com que os sujeitos, permeados por esta emoção – que, conforme Maximino (2020), é também uma tática biopolítica de proteção à vida e de docilização dos corpos –, sigam as proposições das instituições e dos dispositivos médicos e psiquiátricos.

A materialidade discursiva a seguir, uma entrevista extraída do *site* da *Uol*, discursiviza este segundo momento da ansiedade patológica em cenário pandêmico, sob o prisma particular das experiências do sujeito ansioso frente a flexibilização da quarentena:

Figura 2 – Matéria publicada na coluna *VivaBem*

Ela já teve crise de ansiedade com flexibilização da quarentena: como lidar

Carolina Cristina
Colaboração para o VivaBem
04/07/2020 04h00

Desde o final de maio fala-se em São Paulo sobre a flexibilização gradual da quarentena para impedir a disseminação do novo [coronavírus](#), e isso têm provocado medo em diversas pessoas. É o caso da arquiteta e urbanista, Stella Demucio, 23, mora em São Paulo e já sofre com crises de [ansiedade](#) desde setembro de 2019. Durante a quarentena, a jovem teve duas por conta do isolamento e da retomada de atividades. “A última crise foi bem forte e ocorreu porque a prefeitura fez o rodízio e eu soube que ia precisar começar a ir para o trabalho de ônibus. Até então, eu estava indo e voltando de carro”.

Stella trabalha na construção civil, serviço essencial, por isso ela ficou apenas um mês em casa de *home office* e, em abril, já estava de volta ao trabalho no escritório. Quando soube que precisaria retornar durante o mês que teve 1.350% mortes a mais que o anterior, segundo o governo estadual, não chegou a ter crise de ansiedade, mas teve uma de choro, “fiquei bem mal porque me desesperou. Até então estava isolada, mas me preocupei em pegar o vírus e passar para os meus pais”.

Fonte: *UOL* (2020)

A materialidade discursiva antes destacada é composta por alguns enunciados da matéria intitulada *Ela já teve crise de ansiedade com flexibilização da quarentena: como lidar*, publicada pela coluna *Viva Bem* no site da *Uol*, em julho de 2020, quatro meses após deflagrada a pandemia.

O mês de julho daquele ano trouxe à baila questões que articulam os quadros de adoecimento mental à flexibilização da quarentena, visto que, além dos “efeitos colaterais” provocados pela reclusão, a liberação parcial do isolamento provocou uma espécie de “segundo gatilho” para a emergência e/ou intensificação das crises ansiosas e depressivas em muitos

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

brasileiros dado o risco crescente de contaminação.

De toda forma, os enunciados mobilizam práticas discursivas que problematizam as consequências provocadas pela flexibilização, como, também, pontuam algumas dicas de como lidar com esses acontecimentos, fato que, aproximado ao pensamento de Foucault (2010a; 2018) faz entrever produções de sentidos que envolvem e articulam, no discurso, estratégias biopolíticas de disciplinamento e controle dos corpos acometidos com a ansiedade patológica. Dito isso, é possível identificar já no título – *Ela já teve crise de ansiedade com flexibilização da quarentena: como lidar* – táticas biopolíticas que permeiam, estrategicamente, o campo do discurso.

Assim, ao enunciar que “Ela já teve crise de ansiedade com flexibilização da quarentena”, o advérbio de tempo “já” evoca efeitos de tensão e alerta a perigos futuros quanto a emergência de possíveis crises de ansiedade em massa, fazendo com que os sujeitos se preparem antecipadamente. Dessa forma, à medida em que os enunciados tendem a chamar a atenção do sujeito-leitor e evocar uma atmosfera de tensão, oferecem também dicas que ensinam a lidarem com os possíveis quadros ansiosos. Esse jogo de s entre tensão-solução-alívio agencia, estrategicamente, o controle e o disciplinamento dos sujeitos provenientes do dispositivo médico-psiquiátrico.

Porém, para entendermos como os fatores sociais, políticos e econômicos do país dão condições de existência e delimitam a produção dos discursos em torno do transtorno de ansiedade, e, conseqüentemente, marcam uma espécie de “segundo nível” do acontecimento da pandemia, vamos nos debruçar, apenas, sobre o primeiro momento da entrevista, o qual, ao abordar a confissão da jovem ansiosa, Stella Demucio, discursiviza a ansiedade em tempos pandêmicos.

A flexibilização da quarentena, no Brasil, foi uma discussão presente desde o início do isolamento social. Isso se deu porque alguns grupos apoiados do governo bolsonarista, incluindo o ex-presidente, passaram a disseminar discursos – que se articulam a interesses econômicos – a favor do “isolamento horizontal”, isto é, uma estratégia biopolítica específica de governo que consistia em isolar apenas os sujeitos pertencentes ao grupo de risco.

A justificativa principal para adoção da flexibilização como estratégia de governamentalidade partiu da prerrogativa da proteção econômica pelo campo político, pois, conforme argumentavam os sujeitos representantes do governo, a crise capital provocada pelo vírus seria a maior responsável pela miséria, fome e mortes do país, maior até do que os índices de mortalidade provocados pela pandemia.

Diante dessas pontuações, é possível identificar não somente a atuação de dois dispositivos – político-econômico e médico –, mas, também, detectar uma disputa entre micropoderes pelo controle e/ou interdição dos sujeitos. Assim, de um lado, temos os dispositivos médicos, cujos saberes e poderes embasam-se em estudos e evidências científicas em torno da covid-19, de

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

natureza médicas e sanitárias; de outro, os dispositivos político-econômicos partem das prerrogativas não embasadas em estudos rigorosos, cujas ideias cristalizam-se em torno da fragilidade do sistema econômico em virtude da parada abrupta da força de trabalho no período do isolamento social, bem como de possíveis consequências biológicas para a população.

Considerando que os regimes de verdade dos tempos hodiernos partem dos saberes científicos – cujos pilares englobam a objetividade, reprodutibilidade, rigor metodológico e imparcialidade –, vale salientar que os postulados defendidos pelo dispositivo médico supracitado, em virtude do rigor científico, passam a ser mais aceitos que as proposições defendidas pelo dispositivo político-econômico, já que não é embasado em estudos rigorosos. Portanto, esse processo de aceitação e de rejeição dos discursos retoma o que Foucault (2014; 2017) denominou de ordem do discurso, de modo que os dispositivos médicos são enquadrados nos saberes aceitos, enquanto que os político-econômicos são relegados aos saberes sujeitados.

Como corolário desse cenário, os processos de governamentalidade dos sujeitos também são afetados. Para que o sujeito se aproprie dos processos de governamentalidade dispostos pelos dispositivos, isto é, para que se possa proceder aos cuidados de si e do outro mediante as formas de condutas específicas, é preciso, antes de tudo, que as proposições se amparem no verdadeiro de um tempo (FOUCAULT, 2011; 2019).

Assim, os sujeitos só “aceitarão” os pressupostos de governo se esses embasarem-se em saberes, poderes e vontades de verdade socialmente validadas. Caso contrário, apresentarão resistência. A posição-sujeito ocupada por Stella, por exemplo, passou a apresentar ataques de ansiedade ao saber que “[...] precisaria retomar [as atividades] durante o mês que teve 1.350% de mortes a mais que o anterior [...]” (UOL, 2020, s.p.) – perigos objetivados pelos saberes dos dispositivos médicos acerca da pandemia –, como forma de resistência aos modos de governo defendidos pelo dispositivo político-econômico.

Mesmo entre tantos embates, poucos meses após o início da pandemia, alguns poucos estados, a exemplo de São Paulo, como pontuado na materialidade discursiva – “Desde o final de maio fala-se em São Paulo sobre a flexibilização gradual da quarentena para impedir a disseminação do novo coronavírus [...]” (UOL, 2020, s.p.) – passaram a liberar aos poucos os sujeitos para que pudessem sustentar, também, a área econômica. Para tanto, deliberou-se, até certo ponto, estratégias biopolíticas de contenção do vírus, como, por exemplo, fazer uma espécie de rodízio dos carros e elencar profissões/áreas do trabalho como “serviço essencial”, representado na materialidade pela posição sujeito da garota, cuja profissão envolve a construção civil.

Tais fatos, portanto, reafirmam a discussão de Albuquerque Júnior (2004), quando observamos o deslocamento de saberes e poderes provenientes das instituições médico-psiquiátricas e político-econômicas dando origem a um novo dispositivo, cujas facetas são

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

produtos dos dispositivos primeiros: estratégias de contenção da quebra econômica (dispositivo político-econômico) articuladas a medidas biopolíticas que abarcam os saberes e os poderes sanitaristas (dispositivo médico). Em todos os casos, o escopo de ambos os dispositivos se constitui, mais uma vez, em torno da disciplinarização e regulamentação dos corpos e comportamentos para atender às diversas demandas capitalistas e neoliberais.

Todavia, o embate discursivo acerca da deliberação ou não quanto à flexibilização da quarentena fez emergir, em alguns sujeitos em isolamento, emoções de ansiedade e medo diante ao perigo cada vez maior de contaminação. Assim como o sujeito que enuncia denota, o ato de pensar em sair de casa – ambiente “seguro” –, ou de manter contato com outras pessoas e/ou expor-se a ambientes com fortes probabilidades de contaminação, além da visualização das crescentes taxas de mortalidade – que, como posto na materialidade discursiva, o período de abril obteve um aumento de mais de 1.000% em relação ao mês de março –, provoca um martírio mental.

Estes se veem obrigados a voltar para as suas rotinas de trabalho e, mais que isso, põem-se diante dos perigos de serem contaminados e/ou contaminar parentes, muitas vezes pertencentes ao grupo de risco. Nesse sentido, podemos dizer que a confissão feita pela entrevistada – já que esta, partindo da compreensão foucaultinana, se arrisca ao explanar uma verdade de si não aceita socialmente em consequência ao tabu das doenças de cunho mental –, ecoa, de modo uníssono, a voz de muitos brasileiros aterrorizados pelo medo nesse momento histórico específico da pandemia. Assim sendo, podemos identificar essas passagens confessionais nos seguintes enunciados: “Fiquei bem mal porque me desesperou. Até então estava isolada, mas me preocupei em pegar o vírus e passar para os meus pais [...]” (UOL, 2020, s.p.).

Diante disso, é possível constatar, mais uma vez, a ansiedade sendo impressa nas materialidades a partir da discursivização de dois momentos distintos (emergência da pandemia e isolamento; flexibilização do isolamento), os quais comportaram-se como “gatilhos” para o desgaste mental. Podemos afirmar que, assim como pontuou Foucault (2014), os discursos, aqui referidos à ansiedade, são resultantes aos enunciados que, em suas (des)continuidades, também tematizam o transtorno.

Lançando mão da ideia delineada por Foucault (2017), as formações discursivas em torno da ansiedade em tempos de pandemia podem ser entendidas como uma espécie de grupos que, em sua dispersão, englobam discursos que possuem regularidades entre si dada a similaridade das leis de formação que os reclamam, a saber a formação dos objetos, das estratégias, das séries enunciativas, bem como das modalidades enunciativas.

Primeiramente, a formação dos objetos (que delinea e delimita o objeto do discurso) é regulada pela ansiedade patológica e pela pandemia sob a perspectiva do dispositivo médico-psiquiátrico. Já nas modalidades enunciativas, podemos compreender que, nas figuras 1 e 2, os

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

discursos são delineados a partir de duas posições-sujeitos, desempenhadas pelo: sujeito ansioso – ao confessar as vivências particulares, este confere veracidade à atmosfera de adoecimento denotada nas matérias; e pela função-autor desenvolvida pelas figuras dos jornalistas – cujas vozes institucionalizadas (com caráter impessoal e mediador das enunciações) calcam-se nos dizeres e saberes psiquiátricos (o que intensifica o teor de veracidade ao discurso), e, posteriormente, veiculam as notícias voltadas para a temática da saúde.

A formação dos conceitos, por sua vez, é delineada mediante correlação com outros discursos e enunciados. Entre as materialidades das Figuras 1 e 2, por exemplo, é possível identificar o atravessamento de alguns discursos que, de modo geral, partem dos dispositivos médico-psiquiátrico (ao denotar os medos e os respectivos adoecimentos físicos e psicológicos), econômico (proteção ao colapso econômico a partir da permanência dos “serviços essenciais”), médico-sanitário (saberes e estratégias higiênicas de prevenção), político (disputa de interesses emoldurados entre a permanência do isolamento e a reabertura da economia).

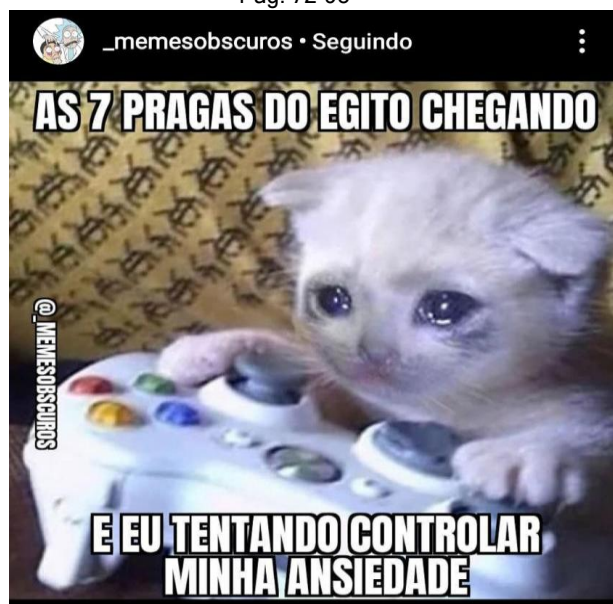
Assim, nessas formações, como podemos perceber, atuam estratégias que, de certa forma, dão continuidade aos já-ditos da própria área médico-psiquiátrica – os quais modulam, inicialmente, o objeto discursivo da ansiedade patológica –, denominadas por Foucault (2017) de séries enunciativas. Para auxiliar na objetivação do discurso engendrado pelo objeto da ansiedade no contexto pandêmico, outros discursos provenientes de distintas formações discursivas (discursos políticos, econômicos, sanitários etc.) são reclamados por meio dos campos de concomitância, memória e presença.

Estes campos de concomitância, em particular, são os elementos que, no discurso “ansioso”, possibilitam a cristalização da atmosfera caótica, de incerteza, medo e espera alerta, já que é permeada por vontades de verdade difusas e em constantes embates, provenientes de campos do saber médico-psiquiátrico. Além dessa, atuam também os campos de presença e os campos de memória, o melhor identificados na Figura 3:

Figura 3 – Post do perfil @_memesobscuros

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93



Fonte: *Instagram* (2020)

O enunciado constitui um meme difundido nas redes sociais, mais especificamente no perfil @_memesobscuros, no *Instagram*, em junho de 2020. Estes, em particular, partindo dos postulados de Foucault (2017), delineiam outras especificidades do acontecimento discursivo que compreendem a atmosfera de ansiedade na pandemia da covid-19. Naquele momento, os meios de comunicação alertavam para uma invasão de gafanhotos em algumas partes do mundo, especialmente na América do Sul, fenômeno que provocou muitos prejuízos em plantações.

Antes desse acontecimento, outros fatores naturais (ou não) também ganharam os holofotes da mídia, como uma possível III Guerra mundial (janeiro), a crise da covid-19 na Europa (fevereiro), a declaração de estado de pandemia (março), a erupção do vulcão Anak Krakatoa na Indonésia (abril), a nuvem de poeira Godzilla que viajou do deserto do Saara até o Caribe (maio) e, até a publicação dessa materialidade, a nuvem de gafanhotos (junho). Além dos acontecimentos supracitados, também ocorreu, em julho, um ciclone extratropical.

De modo geral, o humor dos enunciados verbo-imagéticos ampara-se em uma estratégia discursiva específica, que consiste em fazer uma comparação com a situação já vivenciada pelos brasileiros (covid-19, política, economia etc.) às pragas do Egito⁵. Mesmo sem conseguir controlar as emoções – denotado na materialidade pela imagem do gato em crise de choro ao tentar, ambigualmente, “ter o controle” (enquanto objeto e ação) da situação –, ainda tinham que

⁵ As Pragas do Egito foram acontecimentos que se deram na Civilização Egípcia e envolveram desequilíbrios naturais, como o crescimento e ataques desordenados de rãs, piolhos, moscas, gafanhotos, chagas, morte de animais, chuva de pedras, morte do primogênito, trevas e transformação da água do Nilo em sangue. Diferentemente do que se pontua na materialidade da Figura 5, a quantidade de “pragas” se deu num total de dez. Algumas questões sobre a veracidade desses fatos ainda permanecem sob incógnitas, mas vertentes da ciência propõem a hipótese de que os episódios realmente aconteceram em virtude de fortes secas, na época. Sob o viés religioso, por exemplo, a Bíblia explica que esse fato se deu em decorrência da não aceitação, por parte do Faraó Ramsés II, a saída dos hebreus do Egito (NERY; LOIOLA, 2016).

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

lidar com as “pragas” supracitadas, libertas individualmente a cada mês do ano. Esses acontecimentos, apesar de serem discursivizados na materialidade em tons humorísticos, intensificaram ainda mais o ambiente de insegurança e o medo vivenciados pela população.

Logo, assim como ocorreu nas materialidades discursivas das Figuras 1 e 2, esta também discursiviza a ansiedade em tempos de pandemia, fato que nos permite enquadrar os enunciados que a compõem ao *campo de presença*, uma vez que podemos identificar regularidades discursivas (ansiedade na pandemia), mesmo diante das singularidades de cada materialidade (Figura 1– Entrevista do *GI* com Di Ferrero; Figura 2 – Matéria no *blog Viva Bem*; Figura 3 – meme), e, conseqüentemente, incluí-las em uma mesma formação discursiva. Apesar de não explicitar na publicação, é possível identificar essa tematização ao correlacionar a data de publicação (23 de junho) e os termos “Pragas do Egito” e “Ansiedade” (que, por seu turno, funcionam como pistas para a construção dos sentidos) ao campo associado da pandemia.

Além disso, seguindo Foucault (2017), vale ressaltar que é possível identificar, também, uma espécie de concomitância ao atrelar discursos atuais aos discursos religiosos/científicos/históricos que tematizam acontecimentos anteriores (GUERREIRO; ALMEIDA, 2021). Esse ato de retomar já-ditos encaixa-se na estratégia de formação dos conceitos, que arrolam campos de memória e recobram acontecimentos dispostos numa memória discursiva – as Pragas do Egito e o medo evocado por situações pandêmicas anteriores –, atualizando-os aos tempos hodiernos e fazendo emergir efeitos de sentido em tons humorísticos.

A atuação conjunta dessas instâncias – formação do objeto, modalidades de enunciação e formação dos conceitos – delineiam, por fim, as estratégias discursivas específicas (formação das estratégias) em torno dos enunciados que discursivizam a ansiedade, os quais fazem emergir efeitos de sentido particulares na materialidade. Posto isso, podemos citar que a escolha específica de imagens, a organização dos enunciados, as referências históricas e sociais específicas, entre outras, nas Figuras 1, 2 e 3, contribuíram para a singularização dos sentidos em ambas.

Diante das análises tecidas até então, é possível confirmar que a composição dos discursos, das formações discursivas e dos enunciados que circunscrevem a ansiedade patológica em tempos de pandemia obedecem a regras específicas de formação, das quais o próprio acontecimento histórico (covid-19, problemáticas sociais e naturais, isolamento domiciliar) reclama e delineia a respectiva irrupção sob determinadas formas e não outras em seu lugar (*a priori histórico*). Partindo da perspectiva arqueológica foucaultiana, essas irrupções específicas sobre a ansiedade formam a *positividade* dos tempos atuais e, como conseqüência, são dispostas, *grosso modo*, no arquivo discursivo que tematiza a ansiedade.

4 CONCLUSÃO

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

Em termos gerais, o *corpus* analisado permitiu observar que os discursos que tematizaram a ansiedade, no ano de 2020, ganharam condições de possibilidade a partir de alguns acontecimentos históricos e discursivos que permearam a pandemia, os quais, por sua vez, delimitaram as regras de emergência, bem como compuseram as positivities e o arquivo da ansiedade no *a priori* histórico do período respectivo. Dentre os principais acontecimentos, podemos citar os medos, as tensões e as incertezas evocadas tanto pela covid-19, na Figura 1 (entrevista do G1 realizada com a posição sujeito representada por Di Ferrero, um dos primeiros acometidos com a doença, no Brasil); bem como, na Figura 2 (entrevista realizada pelo *blog* Viva Bem à Stella Demucio), os reflexos negativos do isolamento social na saúde mental, seguido do cenário já caótico de diversas áreas das esferas públicas e privadas brasileiras (a exemplo da economia, da saúde, da política, entre outros), e das necessidades de flexibilização.

Além desses, devemos mencionar também os acontecimentos que prenunciavam desastres naturais ou sociais simultâneos à covid-19, os quais foram associados no imaginário social como castigos divinos. Em todos os casos, a ansiedade patológica atingiu tanto os sujeitos que já eram acometidos pelo transtorno, de forma a intensificar quadros anteriores, como também aqueles que não possuíam predisposição para tal, dado o cenário estressante.

Portanto, os fatores supracitados foram preponderantes para a discursivização da ansiedade enquanto acontecimento histórico e discursivo na pandemia, e, ao mesmo tempo, delinear as instâncias que integram as respectivas formações discursivas: seja a partir da correlação de discursos e dos saberes que objetivaram a ansiedade na formação dos objetos e dos conceitos; das modalidades de enunciação específicas, mobilizadas pelas vozes dos sujeitos ansiosos, e psicólogos/psiquiatras ou jornalistas (validados pelas instituições psiquiátricas e jornalísticas); ou pela adoção de estratégias para a formação de efeitos de sentidos específicos nas materialidades discursivas, como as escolhas linguísticas, imagéticas e dos gêneros digitais (meme, notícia, entrevista, *blog*).

Dito disso, pausamos por ora as análises, mas reivindicamos, ainda, que os olhares em torno deste objeto de pesquisa não se encerrem apenas a estas páginas, dada a contínua necessidade de construir a história dos sujeitos ansiosos, e, principalmente, preencher as lacunas diversas que poderão emergir quanto ao corpo ansioso mediante os desdobramentos seriais do acontecimento histórico e discursivo da covid-19, nos anos que seguem.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A história em jogo: a atuação de Michael Foucault no campo da historiografia. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 79- 100, jan./dez. 2004.

APA AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de**

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 1 - JAN/JUN 2025
Pág: 72-93

transtornos mentais DSM-5. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AS 7 pragas do Egito chegando... [s.l.], 23 jun. 2020. Instagram: @_memesobscuros. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBytsAkJOqq/?igshid=56zqv4kbwj4f>. Acesso em: 23 jul. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAPONI, Sandra. Classificar e medicar: a gestão biopolítica dos sofrimentos psíquicos. In: CAPONI, Sandra *et al.* (Orgs.). **A medicalização da vida como estratégia biopolítica.** São Paulo: LiberArs, 2013. p. 97-114.

CAROLINA, Cristina. Ela já teve crise de ansiedade com flexibilização da quarentena: como lidar. Viva Bem – UOL, [s.l.], 4 jul. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/07/04/ela-ja-teve-crise-de-ansiedade-com-flexibilizacao-da-quarentena-como-lidar.htm>. Acesso em: 18 jul. 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURSINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (Orgs.). **(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos.** São Carlos: EduFSCar, 2016. p. 15-29.

FOUCAULT, Michel. Retornar à História. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Ditos e Escritos: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 282-295.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura de Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** O cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. (Coleção História da sexualidade, v. 3).

GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e as lideranças evangélicas na pandemia Covid-19, **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 49-73, 2021.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Produção biopolítica. In: HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império.** Trad. Berilo Vargas. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 41-60.

LORENTZ, Braulio; ORTEGA, Rodrigo. Di Ferrero fala ao G1 sobre ansiedade na quarentena com coronavírus; ouça o relato do cantor. **G1**, [s.l.], 20 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2020/03/20/di-ferrero-fala-ao-g1-sobre-ansiedade-na-quarentena-com-coronavirus-ouca-relato-do-cantor.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MAIA, Berta; DIAS, Paulo César. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, e200067, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/k9KTBz398jqfvDLby3QjTHJ/?format=html&lang=pt#>. Acesso em: 20 set. 2020.

MAXIMINO, Caio. Devir-lebiste: Superando as subjetividades do medo em tempos de pandemia. **UNIFESPA**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 1-10, 2020.

NERY, Gabriela de Castro; LOIOLA, Rita. A verdade sobre as 10 pragas do Egito. **Veja**, [s.l.], 20 set. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/a-verdadesobre-as-10-pragas-do-egito/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Ministério da Saúde. **Relatório mundial da saúde: nova concepção, nova esperança**. Lisboa: OMS, 2002.

REVEL, Judith. **Michael Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19): situation report**, 51. [s.l.]: WHO, 2020. 9 p. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331475>. Acesso em: 26 maio 2020.